

Do « Sacrilégio » à Sustentabilidade : Reflorestamento e Agricultura Orgânica em Forikrom, Gana

Forikrom, uma comunidade de 6000 habitantes, no distrito de Techiman (região de Brong Ahafo) no Gana localiza-se numa pradaria que, segundo os habitantes, outrora fora uma floresta densa. A agricultura, principal ocupação da população, concentra-se na produção de milho, inhame e mandioca para o auto-consumo e para a venda em Techiman, mas também nas culturas de rendimento como o tabaco, a copra e, mais recentemente, o cajú. Até 1983 ainda se produziu cacau na região, cultura que viria a ser abandonada devido às queimadas que destruíram a maior parte das plantações. Os métodos inapropriados de cultivo, especialmente a agricultura altamente mecanizada praticada nos anos 60, e que viria a ser abandonada, agravaram a situação de desflorestamento, diminuição da fertilidade dos solos e secamento os rios e os riachos.

A comunidade de Forikrom conseguiu ultrapassar este problema de desflorestamento. O sucesso da iniciativa de reflorestamento foi o resultado de um conflito cultural, mas ele não teria sido possível sem o envolvimento das comunidades na procura constante de novas soluções.

Conflitos Religiosos à Propósito da Água

O problema surgiu das disputas pelo acesso ao rio Asukantia, o curso de água que sempre abasteceu a cidade, uma vez que aquele estava a secar. Tradicionalmente o rio havia sido definido como um local sagrado e o tabú local proibia visitas ao riacho nas terças-feiras. Tal restrição foi escrupulosamente observada até 1989, ano em que se registaram secas naquela região do Gana.

Naquele verão, uma nova seita religiosa surgida na comunidade declarou que tal prática era anacrónica, tendo aconselhado os seus fiéis a desobedecerem a semelhante norma. Este « sacrilégio » resultou num conflito imediato entre a nova seita e as autoridades tradicionais que velavam pelo cumprimento das normas tradicionais locais. Essas autoridades responsabilizaram a nova seita pela ofensa aos deuses e pela secamento do riacho. Por seu turno, a nova seita acusou a hierarquia comunitária de práticas pagãs.

Os problemas haviam atingido o seu cúmulo, quando um grupo de jovens tomou uma posição e reagiu no sentido de restaurar a paz; eles tinham mais conhecimentos ambientais do que os mais velhos, por exemplo, sabiam da relação entre o desflorestamento, a seca e a redução da fertilidade dos solos.

Notas SI reportam periódicamente iniciativas sobre o Saber Indígena (SI) na África Sub-Sahariana. É publicado pelo Centro Regional do Conhecimento e Aprendizagem para a África em parceria com o Banco Mundial, comunidades, ONGs, instituições de desenvolvimento e organizações multilaterais. Os pontos de vista expressos neste artigo são da inteira responsabilidade do seu autor e não podendo ser considerados como opinião do Grupo Banco Mundial ou dos seus parceiros nesta iniciativa. Página sobre o SI está disponível no site <http://www.worldbank.org/aftdr/ik/default.htm>

Liderados pelo Secretário da Organização (Organizing Secretary – OS) local designada de « Mobisquad » - uma associação de jovens constituída no seio do Programa Nacional de Mobilização lançado em 1983 com o objectivo de apoiar as comunidades na implementação de programas de melhoria das condições

locais e de resposta a calamidades naturais – o grupo propôs à comunidade que esta tentasse plantar árvores ao longo do riacho com vista a restabelecer a sua saúde.

Todavia, esta ideia não foi do agrado do chefe e dos anciãos, que continuaram a sentir-se espezinhados pela nova seita, e decidiram procurar recurso no tribunal.

Ainda convencidos que a solução se encontrava no plantio de árvores na nascente do riacho, o grupo decidiu pôr em prática a sua ideia. Felizmente, contavam com uma liderança dinâmica. Os conhecimentos aliados à experiência prática permitiram ao OS possuir uma perspectiva crítica e inovadora na solução dos problemas locais. Ele havia concluído os níveis primário, secundário e médio tendo também feito vários cursos profissionais, para além de ter assumido vários cargos, como por exemplo, o de professor, de processador de salários no Gana, além de também ter sido agente de vendas na Nigéria. Em acréscimo, o OS tinha « credenciais » evangélicas, sendo especialista literário numa sociedade missionária. Contudo, nem ele, nem os outros membros do grupo tinham conhecimentos suficientes sobre os desafios específicos que a produção de árvores constituía. A falta de experiência também tornava difícil a missão de convencer as autoridades tradicionais.

A Aquisição de Conhecimentos para um Novo Começo

Consciente desta incapacidade, OS persuadiu os seus colegas a pesquisarem os conhecimentos e habilidades de que ainda careciam. Primeiro, consultaram um funcionário sénior na sede regional do Instituto de Educação de Adultos, em Sunyane, o qual responde pelos trabalhos de extensão na região de Brong Ahafo. Ele iniciou visitas à região e posteriormente ajudou o grupo a efectuar várias visitas à Escola de Silvicultura em Sunyane, localizada a 100 kms de Forikrom. De

regresso, discutiam com a comunidade as lições aprendidas, especialmente com o chefe e os anciãos. Até finais de 1989 o grupo já havia conseguido convencer as autoridades tradicionais que o litígio não era a solução para as dificuldades da comunidade. Também conseguira obter o apoio da Escola e do Departamento de Silvicultura para se iniciar o projecto de reflorestamento.

O projecto, organizado pelo grupo foi oficialmente aberto em 1990, numa reunião comunitária, em colaboração com a sede regional do Instituto de Educação de Adultos de Sunyane. Neste encontro, especialistas da Escola e do Departamento de Silvicultura de Sunyane e Kumasi, com quem o grupo vinha trabalhando, explicaram a importância do reflorestamento. Eles enfatizaram, especialmente, a sua utilidade como um meio de criação duma faixa de protecção contra as adversidades do clima, o seu papel protector contra os ventos e queimadas, os seus efeitos na fertilidade dos solos, e ainda a disponibilidade de recursos lenhosos.

Convencida com esta apresentação, a comunidade de anciãos aprovou a ideia do estabelecimento do projecto, após o que tomou parte nas lições iniciais sobre práticas de viveiros dadas por dois técnicos de silvicultura de Sunyane que serviram de facilitadores. Durante as seis horas de visitas de formação no terreno que os formadores providenciaram num período de seis meses, grupos de trinta indivíduos foram treinados no essencial das técnicas de: preparação de terras e viveiros, armação de canteiros, transplante e cuidados a ter com plantas jovens. Um total de cerca de 2.000 pessoas, o grosso da população adulta de Forikrom tomou parte nesta formação.

Com o apoio técnico de algumas pessoas de recurso e um modesto financiamento externo de organizações como o Programa

das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e Agência Adventista de Desenvolvimento e Alívio, o grupo criou em seguida um viveiro para desenvolver novas plantas, inicialmente no propósito de reflorestamento, mas cada vez mais também para a agricultura comercial. Cajúeiros, palmeiras e plantas para madeira eram oferecidas afim de que os membros da comunidade possam fazê-los crescer nas suas próprias machambas. Por volta de Outubro de 1993, o projecto havia distribuído gratuitamente 15.000 mudas a muitos grupos visitantes provenientes de outras áreas. Neste processo o OS e outros dez jovens adquiriram um conhecimento suficiente para se tornarem em valiosas pessoas de recurso no tocante aos seus próprios direitos. Progressivamente o projecto tornou-se no maior centro de extensão florestal para a região contigua.

Em finais de 1995, tendo conseguido criar com sucesso um mercado para plantas madeiras, palmeiras e cajúeiros – espécies com um elevado potencial de venda – o projecto decidiu produzir e distribuir rebentos ou mudas como uma actividade comercial. Nos principios de 1996 o projecto vendeu as suas primeiras palmeiras. A procura de plantas para madeira têm tendência a aumentar na medida em que os camponeses da área continuavam a plantar barreiras que sirvam de quebra-fogo e, mais recentemente, com a crescente solicitação de postes telegraficos e eléctricos. Do mesmo modo, a cultura do cajú gerou um significativo interesse não só em Forikrom como também nos arredores. No seio da comunidade, os camponeses plantaram nos últimos anos, mais de 100 acres de cajúeiros ; as vendas de cajú já começaram a concretizar-se, na medida em que os cajúeiros vão atingindo a maturidade.

Aumentando o Impacto : A Protecção Ambiental e a Agricultura Orgânica

A iniciativa que nasceu do conflito sobre os recursos aquáticos teve outros impactos positivos. A Associação para a Protecção Ambiental de Forikrom Environmental Protection Association – EPA), uma consequência do projecto de reflorestamento, ganhou grande fama quando a Agência de Protecção Ambiental do Gana socorreu-se da EPA de Forikrom como base para o lançamento de suas mensagens sobre práticas ambientais apropriadas, visando as comunidades localizadas entre Techiman e Nkoranza. A partir de 1994 a EPA de Forikrom foi convidada a uma série de seminários sobre as técnicas de manutenção de viveiros e plantas, organizados pela agência de Kumasi. Estes, por sua vez, reproduziram essas técnicas para a sua clientela local e, gradualmente, Forikrom passou a ser o local escolhido para a realização de vários eventos de formação em reflorestamento e gestão de recursos naturais, com o financiamento de vários doadores.

Uma segunda consequência do conflito sobre os direitos da água foi a criação do Projecto de Agricultura Orgânica de Abrono (Abrono Organic Farming Project – ABOFAPJ). Concebido em 1992 pelo OS e seus colegas, o projecto foi elaborado para lidar com o problema da redução de fertilidade subjacente ao conflito de « Asukantia ». O seu objectivo principal era o de formar jovens agricultores na agricultura orgânica, promoção do uso de estrumes / compostos para a melhoria da qualidade dos solos (desencorajando o uso de produtos químicos), métodos de produção de hortícolas na estação seca e produção de cogumelos. Nos finais de 1990 o OS, na companhia duma mulher desempregada – possuindo o ensino médio – de Forikrom, participou num programa de formação de cinco dias em Kumasi, organizado pelo Programa África 2000. Numa combinação de 12 horas de aulas teoricas e 18 horas de trabalho prático de campo e observação de demonstrações, o programa incluiu técnicas de viveiros,

agro-florestas e produção de adubos compostos. Esta experiência foi enriquecida pela sua participação em vários seminários e visitas de campo com vista à consolidação das técnicas de agricultura orgânica.

O OS introduziu campos de demonstração na sua propriedade em Forikrom como forma de despertar e estimular o interesse da população jovem pelos métodos da agricultura orgânica. Este programa começou com vinte estagiários (10 homens e 10 mulheres) jovens, desempregados, e que acabavam de terminar o seu ensino secundário com idades compreendidas entre os 17 e 25 anos. O OS dividiu-os em grupos de quatro e pô-los a trabalharem as terras próximas do rio Akusantia.

Até 1996, a ABOFAP havia formado 130 jovens (75 homens e 55 mulheres) em técnicas de produção orgânica e de cultivo de hortícolas na estação seca. A maior parte destes jovens eram, até a essa altura, desempregados, acabavam de sair da escola e viviam em casa dos pais. Os três meses de formação que estes jovens receberam abriram-lhes as portas rumo ao auto-emprego. Durante o ciclo dos três primeiros meses os 20 formandos iniciais produziram um rendimento agregado de c200.000, ou 355 dólares americanos com a venda de hortícolas, partilhando um rendimento líquido de c160.000 ou 308 dólares americanos (à taxa de câmbio em Dezembro de 1992 era de c519 valiam um dólar americano). Excepto os cerca de 10 por cento dos formandos que desistiram da agricultura por acharem-na demasiado difícil, os outros participantes trabalham por conta própria e são prósperos. Os formandos iniciais abraçaram a produção de cajú e estão muito confiantes no futuro. Aproximadamente 200 aldeãos estão associados em cooperativas de 6 a 10 membros cada para a exploração conjunta de talhões com cerca 1.2 acres cada, ao longo do rio.

Um pormenor interessante é que o OS não assume qualquer posição de liderança em nenhuma das organizações que formou e desenvolveu. Ele encorajou sum, os outros a participarem na iniciativa que teve sua liderança. Por exemplo, um idoso analfabeto é o Presidente do Projecto de Reflorestamento de Forikrom, composto por 200 membros; o OS desempenha as funções de Secretário e, com mais três pessoas, é membro do Comité Executivo. Além disso, um camponês de 60 anos, possuindo o ensino médio, é o Presidente da EPA de Forikrom (com 90 membros). Um jovem de 23 anos, com nível secundário, é o Secretário da ABOFAP (que possui 90 membros afiliados).

Fazendo as Pazes entre a Comunidade e o Meio Ambiente

Em Forikrom, em menos de uma década foram alcançados progressos importantes. Foram criadas novas fontes de riqueza. Todavia, as principais consequências da iniciativa de Forikrom foram de natureza qualitativa. A primeira é seguramente o cometimento demonstrado. As divisões comunitárias resultantes dos conflitos entre os líderes religiosos e as autoridades tradicionais desapareceram após a comunidade ter-se juntado para desenvolver uma cintura de segurança em torno do rio Asukantia. O entusiasmo da comunidade face à produção de árvores, as novas culturas de rendimento, o melhoramento das espécies e o próprio reconhecimento por instituições externas do trabalho árduo desenvolvido, ajudou a todos a esquecerem o episódio conflituoso inicial.

Não menos importante foi a emergência de uma comunidade consciente em relação à conservação do meio ambiente, servindo também de modelo para outras vilas da região. Durante os últimos seis anos, uma cintura de protecção efectiva, com 4 acres de madeira de teca e 3 de *leucenea* foi criada à volta da nascente e do rio

Asukantia. Actualmente a água é tão abundante no rio , a ponto de ser utilizada para o regadio das hortas nas estações secas. Adicionalmente, as autoridades

locais reportaram que as populações já não fazem queimadas descontroladas ; como resultado disso, não se registam queimadas desde 1990.

N.B. :

Este artigo foi escrito a partir de pesquisas realizadas por investigadores ganeses, canadianos e americanos, sob o apoio e supervisão técnicas de Peter Easton, Professor Associado, « Graduate Studies in Adult Education, Florida State University », e em colaboração com as comunidades alvo. O estudo foi financiado pelo « Club du Sahel /OECD, CILSS » e pela Associação para o Desenvolvimento da Educação em África (ADEA).

IK NOTES

Podera ser de interesse para o/a Senhor/a

Nome _____

Instituição _____

Endereço _____

As cartas, comentarios ou pedidos de publicações devem ser enviados ao seguinte endereço :

Editor : IK Notes

Knowledge and Learning Center

África Region, World Bank

1818 H Street, N.W., Room J5-171

Washington, D.C. 20433

E-mail : pmohan@worldbank.org